

# AURORA DE BARCELLOS

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Administrador,  
J. M. LOPES DE GARVALHO

Editor,  
FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

Redacção, administração e Typographia—Rua duque de Bragança, n.º 30—Barcellos

## Crimes

No jornal «A Lagrima» disseram que sabiam quem era o auctor do corte de arvores, do derrubamento de pedras no adro dos Terceiros e do deslocamento de urinoes.

Ao snr. administrador, a Camara e á mesa da Ordem Terceira cumpre obrigar o auctor de tal escripto a fazer as respectivas delarações, á cerca de taes actos de malvadez.

Melhor teria sido que aquelle jornal publicasse o nome do individuo incriminado.

E' um caso importante, que não deve lançar-se ao desprezo, para interesse de todos os Barcellenses e por decôro d'aquellas corporações e da auctoridade administrativa.

Sabendo-se quem foi que praticou aquellas acções de vandalismo, é preciso que seja castigado.

Por isso dirigimos o nosso apello ao snr. Dr. Delegado; mas não é a sua ex.ª que pertence proceder, é á auctoridade administrativa.

Nós e todos os Barcellenses esperamos o resultado das investigações a fazer.

Quando um jornal assim faz uma declaração de tão grande alcance, colloca-se de forma a merecer a consideração de todos; mas é preciso completar a obra: venha a publico o nome tão desejado.

## Modia de finados

Nós todos, em romagem piedosa,  
Ao campo da equaldade e desengano  
Memorar o ultimo adeus anno a anno  
Vamos! pae, filho, irmão, marido e esposa.

Todos temos ahi n'essa guarida  
Commum, do pobre e rico herança igual,  
Alguem que nos pediu na hora final,  
O não esquecesse na ultima jazida.

Vasta a morada, todos têm azilo,  
A noite é serena, o dormir tranquillo,  
Pelos que dormem, todos nós oremos.  
Vamos todos, que todos lá cabemos,

Justiço Vianna

## O Jornalista e o meio

A este cantinho do mundo, aonde rarissimas vezes chegam jornaes da minha nobre terra, abordou ultimamente o n.º 21 da minuscula «Lagrima» que recebi com o enthusiasmo e interesse que todo o bom patriota deve sentir em presença d'uma visita inesperada.

Da sua leitura resultou para mim desagradavel impressão, que me suggeriu a ideia de traçar estas linhas. Sempre condemnei os ataques e invectivas pessoas por meio da imprensa, e agradou-me sobre modo a doutrina exposta no artigo de «A Lagrima» o *Jornalista e o meio*, por estar de perfeito accordo com o meu modo de pensar.

Mas, proseguindo na leitura do pequeno quinzenario, immediatamente fui encontrar outro artigo em contradicção flagrante com a doutrina do primeiro. Esta inconstancia de ideias levou-me a fazer mau juizo de «A Lagrima» e por fim convenceu-me, depois de ler outros jornaes e ouvir alguns patricios, de que o pequenino quinzenario tem sido grande no manejo inglorio e condemnavel da verrina, e portanto

carece d'auctoridade para chamar á ordem os outros. Muito estimaria que, de futuro, se penitenciasse, e é com o fim de conseguir isso, que peguei da pena para lhe dizer duas cousas muito a proposito.

Um jornal proclamando principios deve ser o primeiro a catal-os.

Não fica airoso á «Lagrima» o inserir trechos de prosa sensata como a do artigo de *Alguem* e logo a seguir discordar d'esses principios embicando com uma pessoa que nada praticou que merecesse censura.

Pôde-se, sem renunciar á energia e dignidade censurar outrem, mas com o personalismo sempre de parte, evitando todas as alusões pessoas que contendam com a vida particular do individuo.

O fim da censura deve tender só a chamar a attenção do censurado para o facto ou factos que deram origem á mesma censura.

Com vehemencias pessoas não se sustentam principios; pelo contrario, acirram-se odios e desmoralisa-se o meio, acostumando-o á leitura de trechos de prosa grosseira e repugnante,

O verrineiro tem sempre a resolução de chegar até a infamia para manter-se superior ao adversario. E, portanto, deleita-se na calumnia assacada a seus inimigos, e divorcia-se de todos os preceitos da caridade.

E, para mim, um verdadeiro monstro.

Pelo contrario, o escriptor educado e consciencioso, que defende ideias e poupa pessoas, é um vivo exemplo para os verrineiros impenitentes e obstinados. O bom jornal saborea-se com gosto e sympathia, porque, mesmo censurando, falla com tal delicadeza que a censura torna-se mais n'um conselho do que n'uma correcção.

E para o combate d'uma causa justa, eu conheço e sei, por experiencia propria, que a verina é sempre prejudicial para o bom exito d'essa mesma causa.

Muito folgarei, pois, em ver A *Lagrima*, d'aqui em diante, d'accordo com os principios que *Alquem* sustenta, dos quaas tanto se tem afastado em sua já longa vida.

Arcos 1902-out.º

C. G.

## Que tal...

O correspondente da «Voz Publica» d'esta villa, lembrou-se, arvorado em procurador do sr. Augusto Soucasaux, de vir a publico dizer que aquelle sr. ia chamar á responsabilidade o nosso jornal, para o que estamos sempre promptos sempre que as auctoridades competentes assim nol-o exigam; porem, temos a ponderar ao tal sr. correspondente, que sabemos d'nm certo *pilarau* de preciosas garrafinhas de licor—garrafinhas que valendo mais de cinco mil reis foram vendidas a 160 reis e ainda menos... Percebe?

Não sabemos qual a razão porque o sr. Augusto Saucasaux se julga offendido com nossos escriptos, pois nunca deixamos de lhe pôr em relevo as suas boas qualidades pessoas e jornalisticas;—é muito boa pessoa e inteligente; bemquisto de todos aquelles que o conhecem... de longe; 'é muito fino, não escreveu a historia de Portugal por que se não lembrou de tal; não descobriu o caminho da India por que n'esse tempo ainda não era nascido, ainda não foi ao Egypto vêr a jumentinha em que montou Nossa Senhora porque ainda não encontrou quem lhe pagasse as despezas; não é pessoa que tenha offendido ninguem.... etc. Emfim, é muito boa pessoa e fino....

## Um certo Sopeiro

O Sopeiro é o jornalista mais auctorizado de Barcellos!... O Sopeiro nunca profanou os segredos do lar domestico!...

O Sopeiro foi sempre sério e o seu jornal nunca sahiu da linha de conducta, dos jornaes considerados!...

O Sopeiro ferra de furto!... mas é um cavalheiro nas lides de imprensa!...

Ai Sopeiro! Ai Sopeiro!.. até aqui fallavas só; mas agora tens quem converse contigo; assim, distrahirte-has mais um pouco.

Adeus Sopeirinho! E descansa, que ainda não tiveste patrão tão bom como eu te vou ser! Andas-me a juro....

## Guaripada

COUTINHO, ZÉ POVO

E ZINÃO

—*Coutinho*: O' snr. Zé, o amigo não sabe que grande casca tem dado o Zinão com as nossas conversas?

—*Zé-povo*: Já me contaram que elle tentou culpar-nos, chegando a ir aconselhar-se para esse fim.

—*Coutinho*: Tinha graça, um trocista como elle, que tem sido um malcreado-mór, um grande atrevido, que podia ter sido culpado duzias de vezes, vir agora recorrer para os tribunaes!

—*Zé-povo*: Não que elle é um vulto importantissimo, muito melindroso; creio que o sangue que lhe gira nas veias foi fabricado com seiva das sensitivas.

—*Coutinho*: Ora que valem esses melindres, um pechincha assim com arrufos, um erraganão escamado como uma barata, se o publico bate palmas a nossa conversa?

—*Zé-povo*: Um lavrador semeia e leva mezes a colher, por isso este Zinão já acharia tardia a sua colheita; mas mais vale tarde do que nunca.

—*Coutinho*: Occorreu-me agora á lembrança: nós deviamos dar-lhe uma boa colheita mas era do que elle fez nas calças.

—*Zé-povo*: Olhe que o amigo falle com decencia, porque elle, se apanha uma palavrinha, por onde possa pegar, manda-o enforcar.

E' pessoa muito respeitabele e que só com uma pennada é capaz de nos mandar esollar vivos.

—*Coutinho*: O que eu sei é que elle anda como um gato bravo; tem andado pelos telhados e até já foi á serra. Parece *incribele* que um *home* d'aquelles vá á

serra com a nossa conversa!

Um Ratião em piadas, um folião de seis centos macacos, dizendo a todos quanto quer, não gostar das nossas, *deziduras*!

—*Zé-povo*: Não que as piadas só são para atirar aos outros e para elle e marmelada e coizas doces. As piadas tem fel e elle quer coisa doce e que se coma. Piadas não se comem nem se bebem, por isso o nosso homem acha-lhe o sabor a caustico.

—*Coutinho*: Se as piadas fossem azeitonas e copos do rascante ninguem o atoraria a pedir mais piadas! Quereria sempre piadas.

*Zé-povo*: Ainda elle não apanhou d'aquellas piadas que as mães costumam a dar no fundilho dos meninos, com a palma da mão. D'essas é que elle fugiria a todo o galope.

—*Coutinho*: Pois olhe que eu, depois que soube do que elle fez nos fundilhos é que, nem que me pagasse, lhe faria tal piada.

Não vê que sujaria a mão;

*Zé-povo*. Tem razão. Eu já me contaram que desde a occasião do tal desastre nunca mais teve bom cheiro.



O Guaripa escamado como uma barata

—*Coutinho*: Basta olhar-lhe para as trombas que logo se vê que é mesmo um fedorento!

—*Zé-povo*. Havêmos de defumal-o com alegrem e alfazêma.

—*Coutinho*: Ora deixemo-uos d'isso; meu cáro Zé, que o que elle precisa é d'uma barrêla.

—*Zé-povo*: Olhe, Coutinho, barrêla queria elle, mas era para a cachimonia, que não regula bem.

Muitos já lhe chamam o Penajóia e elle teima em querer ser Victor Hugo.

—Coutinho: Ah!! ah!! ah!!... Penajóia não podem chamar-lhe nada mais a proposito!

Aquelles modos...aquelle todo...são mesmo d'um Penajóia.

—Zé-povo: Eu ouço fallar em Victor Hugo; mas não sei quem elle era. Você sabe?

—Coutinho: Victor Hugo era um diamante do tamanho do sol, maravilhoso e brilhante como elle!...

Victor Hugo era um Deus dos escriptores, cujo esplendor enchia o mundo!

—Zé-povo: Já advinhei porque elle quer ter esse nome: é porque o Penajóia também é capaz de alagar ou encher o mundo com aquella cousa com que encheu os fundilhos!

—Coutinho: Sáfa! vou-me embora do mundo, vou sahir do café já não quero estar lá vou fugir de Barcellos!... mas para onde é que eu heide ir?!

Se elle alága o mundo, também me alága a mim e a vocemecê snr. Zé? Que havemos de fazer?

—Zé-Povo: Não se afflija tanto, que tudo tem seu remédio; para os grandes males, grandes remédios; a nossa salvação, o nosso remédio para evitarmos um caso tão desagradavel, está tudo na cortiça d'um bom soveiro.

Vamos á quinta da Ordem, que, na beira do rio, tem fôrmosa cortiça, e assim que pilharmos o Penajóia, vocemecê segura-o pelo cachaço e eu arranjaréi a cousa, deforma que o mundo e nós nos vejamos livres dum novo diluvio

—Coutinho: Vocemecê sempre é homem muito fino, olhe como, com uma cortiça, se torna um benemerito que merecerá a gratidão do mundo inteiro.

Como sabe muita cousa, desejava que me desse um remedio para eu evitar um mal: o Penajóia foi ao café aonde eu estou, pediu-me um café, e eu apresentei-lhe e juntamente o assucareiro; pois elle lambeu o assucar todo e no fim não, pagou mais do que um café! O patrão virou-se a mim, que eu é que lambi o assucar, quiz-me mandar embora, foi lá o diabo!...

Ora que é que eu devo fazer, quando lá voltar o Pápa assucar?

—Zé-povo: Pese-lhe um kilo

d'assucar, em antes de lhe dar o café, deixe-o comer até o acabar e no fim diga-lhe: custa-lhe tanto... e metta na conta a mais o dinheiro do que elle comeu do assucareiro.

—Coutinho: Ah! elle assim pensa que come assucar de graça; mas, no fim hade saber-lhe a pimenta!

—Zinão: Ora vocês não veem que eu já trago a cabeça a suar? Com quatro centos macácos, vós estão peiores do que aquelles que crivavam o corpo a S. Sebastião com settas penetrantes!...



O Guaripa discursando

Zé-povo: e Coutinho Ora ahi vens tu com os teus discursos a fallar em santos e em settas!

Não ha cá santos nem settas, agora hasde apanhar, meu forte Penajóia!

Tu eras peor do que as regateiras da praça e agora vens mesmo um lamuria?!

Hades pagar o assucar, hades levar a cortiça e isto tudo porque é muito justo.

—Zinão: O' parceiros, eu estou pronto a pagar o assucar, e para a outra vez, deitar só o preciso na chavena; mas a cortiça fez-me arrepiar os cabellos, por isso, confiado na vossa bondade, venho suplicar-vos que me deixeis livre e desempeido o que a natureza me deu.

—Zé-povo: e Coutinho. E tu prometes não tornar a fazer porcarias?

—Zinão: Eu isso não posso prometter; porque sou muito achacado a esses males; mas heide fazer quanto em mim caiba

para não me acontecer outra; porem não prometto.

Zé-povo: e Coutinho. Não ha que ver, não promettes largar de vez, pois então hade trabalhar a cortiça!... Arrei seu Penajóia, venha cá, que vae leval-a já!

—Zinão: (Larga a fugir, mas cae, e é pilhado pelo Coutinho, Zé-povo, Nácha, Miguel Zanolho, Pae-pote e muitos outros a quem elle tem arreliado, n'isto chega o snr. Joaquinzinho dos sinos, com um malho rodeiro, principia a malhar na cortiça até que ella se adoptou no logar proprio.

O Zinão fez caretas do diabo, berrou, gritou e estrebuchou; mas a nada cederam os seus algozes. A Bernarda foi a que mostrou mais força ao segural-o. No fim houveram vivas e palmas e o Penajóia seguiu todo derrubado pelo Campo da Feira além.

Coutinho

## FUTRICAS

O correspondente da «Voz Publica» fez uma romagem ao cemiterio, no dia de todos os Santos, examinando as campas que se alli apresentavam orementadas, vindo depois fazer a sua critica para aquelle conceituado periodico, sendo pouco lisonjeira a que fez á da infeliz Anna Patricia, cujo adorno foi confiado ao nosso amigo Joaquim Martins.

Não se pôde prestar, nesse dia homenagem a quem nos foi querido na vida e saudoso na morte, sem que um alcoolico que não pôde contar em sua vida um acto digno, venha para as colunas de um jornal dizer meia duzia de asneiras em prosa reles, não poupando mortos nem vivos!



A nossa gravura representa o correspondente da «Voz Publica», segundo e sua ultima fotografia.



LEEAG

## GIL BRAZ DE SANTILHANA

Edição monumental illustrada com perto de 400 gravuras intercaladas no texto e 30 oleographias em separado. 2 vol. encadernados 6500 reis

*Padre Antonio Pereira de Figueiredo*

## A BIBLIA SAGRADA

Contendo o velho e novo testamento. Edição publicada sob os auspícios do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca. 4 vol. encadernados 11:000 reis.

*Padre João Croiset*

## ANNO CHRISTÃO

Ou exercícos devotos para todos os dias do anno treslado a castilhana, addicionado com mais algumas vidas dos santos e com o martyrologio. 5 vol. encadernados, 9:500 reis.

*E. M. Campagne*

## Diccionario Universal de educação e Ensino

Util á mocidade de ambos os sexos, ás mães de familia, aos professores, aos directores e directoras de collegios e aos alumnos que se preparem para exames; conendo o mais essencial da sabedoria humana e toda a sciencia quotidianamente applicavel, especialmente ao ensino. 3 vol. brochados 8:000

## O MINHO PITTORESCO

Edição de luxo, illustrada com mais detrescentos desenhos de João de Almeida, gravados pelos mais celebres artistas nacionaes e estrangeiros; magnificas estampas em chromo representando costumes; e seis mappas da provincia, (geologicos, dos arvoredos e terrenos incultos, dos rios e montanhas, e chorographicos do districto. 2 vol no. 9000 reis.

## Biblia Sagrada

**Grande edição popular illustrada — Versão de P. Antonio de Figueiredo.**

Commentarios e annotações do R. Santos Farinha, bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, etc.

Preço da assignatura: Cada tomo mensal de 10 fl. com 10 ou 12 esplendidas gravuras de pagina, 300 reis.

Lisboa. «Livraria Moderna», R. Augusta, 95.

## MINHO PITTORESCO

Descripção de toda a provincia do Minho desde Melgaço até Villa Nova de Gaya. Esplendida edição illustrada com mais de 300 desenhos, representando as paisagens e pontos mais formosos de todo o Minho, seus monumentos antigos e modernos, etc. etc. 2 grossos volumes, ricamente encadernados em capas espezias a preto e ouro 10:000 rs.

### *Restauração de Portugal*

Grande romance historico original de Faustino da Fonseca com illustrações de Roque Gameiro e M. de Macedo. Tomos mensaes de 120 pag. com 15 gravuras 200 rs. e 40 rs. cada fasciculo semanal de 24 pag. com 3 gravuras.

Editor José Bastos, rua Garret, 73 e 75, Lisboa.

### *Biblia Sagrada*

Já foi publicado e distribuido o 1º tomo d'esta magnifica obra, em grande edição popular, versão do padre Antonio Pereira de Figueiredo, commentarios e annotações do rev. Santos Farinha, bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra e professor de lingua e litteratura hebraica no Seminario de Lisboa, segundo os modernos trabalhos de Glair, Knabenbner, Lestrade etc.

Edição auctorizada pelo Rev.º Cardeal Patriarca e revista pelo ex.º conego dr. Senna Freitas.

Preço da assignatura: Cada fasciculo semanal de 16 pag. com 3 esplendidas gravuras, 60 rs.; cada tomo mensal de 80 pag. com 15 gravuras 300 rs.

Lisboa, Empreza da Historia de Portugal, rua Augusta, 95.